Discurso de posse no Instituto do Ceará Histórico, Geográfico e Antropológico

JOSÉ AUGUSTO BEZERRA(*)

Disse Cícero ao falar, pela primeira vez, diante do Senado Romano: *como ouso a levantar a minha voz ante a inteligência e a sabedoria de Roma?*

Deveria, talvez, dizer o mesmo, ao levantar a minha voz perante esta veneranda instituição, que, por mais de um século, tem sido guardiã da História, da Geografia e da Antropologia do homem da nossa região, daí seu nome: Instituto do Ceará – Histórico, Geográfico e Antropológico.

Diferentemente de Cícero, entretanto, o que era ousadia para ele, para nós é celebração. O ritual de iniciação no Instituto do Ceará, prevê a palavra de todo aquele que adentra os umbrais da casa, e passa a pertencer, de forma vitalícia, a sua família de estudiosos. Faz-se necessário o registro dos sentimentos que invadem a alma dos iniciantes, em momento tão significativo das suas vidas.

Começaria, então, por saudar o Presidente desta entidade, Dr. Eduardo Campos, uma das glórias intelectuais da nossa geração.

Escreveu aproximadamente 70 livros, em praticamente todos os gêneros literários. Teve obras suas reconhecidas, inclusive no exterior, onde algumas de suas peças teatrais foram encenadas.

É não só o escritor consagrado, mas também o orador fulgurante. O executivo extraordinário, que fez e ainda faz parte da direção de um dos maiores conglomerados da comunicação brasileira. O jornalista de primeira grandeza. O radialista que encanta pela rapidez de raciocínio e pela majestade da voz. O pesquisador

(*) Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

pertinaz. O bibliófilo. O teatrólogo. O homem público. O humanista e o polígrafo de cultura geral abrangente.

Foi não apenas autor, mas também ator, cuja atuação lhe valeu a glória de ter seu nome numa das alas do Teatro José de Alencar. Foi participante ativo de fatos, situações políticas e revoluções, que mudaram a nossa história. Em nome, portanto, desse homem, cheio de vitalidade, verdadeiro monumento vivo do nosso tempo, reverencio os membros que engalanam a mesa diretora desta solenidade.

Queridos confrades, que me elegeram de forma consagradora, com, praticamente a unanimidade dos votantes, porquanto recebemos 32 votos a favor e 1 voto em branco. Nenhum voto contra. Tal depósito de confiança em minha pessoa, aumenta a responsabilidade perante os companheiros. Tentarei, na medida do possível, não desmerecer essa expectativa e essa demonstração de reconhecimento ao meu passado. Sim, ao meu passado, pois alguns não me conheciam pessoalmente, e, certamente foi isso que os orientou nesta decisão, pois diziam os antigos que "nenhum homem pode defender a si mesmo. Só quem pode defendê-lo é a sua atitude e a sua história".

Os sócios do Instituto representam os que os trabalham por ele, os que o defendem nos momentos de dificuldade, os que o constroem no dia-a-dia, os que o elevam nos momentos de inspiração. Considero, sinceramente, que cada sócio do Instituto é um sábio em algum campo e em alguma particularidade, pois ninguém aqui chega por acaso, e nesses particulares venho para aprender e para ajudar.

Gostaria de ressaltar a minha gratidão respeitosa para todo o grupo, porquanto acredito no trabalho em equipe e, mesmo que o desejasse, em razão de amizade pessoal, destacar o apoio de alguns desses membros, guardaria isto *in pectore*, ou seja, dentro do meu peito, como se fora num sacrário, em respeito ao conjunto.

Prezado companheiro Caio Lóssio Botelho, cujas palavras de saudação, em nome do Instituto, tocaram-me pela forma como sempre brilhante e pelo conteúdo, o qual demonstra a paciência e a generosidade de um laureado professor, que por mais de 45

anos, tem se dedicado a transmitir aos mais jovens os seus conhecimentos. O companheiro Caio foi professor das maiores autoridades, incluindo governadores de estado, entre estes o nosso atual governador, Dr. Lucio Alcântara, e até de um presidente da República, Fernando Collor de Melo. Os livros deste homem, considerado um dos maiores geógrafos do Ceará em todos os tempos, são obras de sucesso, inclusive em Portugal. Ele, com a sua dedicada e fina esposa Maria José, também professora, legítima descendente do Marechal Rondon, formam um casal como se fora almas gêmeas, tal qual novela a que estamos assistindo. Gostaria, portanto, de reafirmar a nossa satisfação por ter sido saudado pelo professor Caio, que foi o presidente da comissão que me indicou para governador do Rotary. Que foi membro da comissão do Instituto do Ceará que me conferiu o título de Benemérito, foi membro da comissão de mérito que aprovou meu nome para Sócio Efetivo, foi o primeiro a me telefonar, parabenizando-me pela eleição e agora está fazendo esta carinhosa recepção em nome dos demais membros.

Prezados familiares do ex-deputado Raimundo Aristides Ribeiro, a quem tenho a honra de substituir na cadeira deste Instituto, nosso agradecimento por prestigiarem esse momento.

Raimundo Aristides Ribeiro, nascido no meio do sertão cearense, no pequeno povoado de Santa Cruz, hoje cidade de Reriutaba, abriu os olhos à vida em meio ao sertão quente, que transforma os homens em fortalezas. Alguns desses homens, entretanto, são diferentes, guardam aquela luz do sol dentro do coração e saem em busca de desafios e oportunidades pelo mundo afora.

Aristides Ribeiro foi um deles. Saiu de Santa Cruz para Ipu, depois para Sobral e finalmente para Fortaleza. Sua vida poderia resumir-se em uma caminhada itinerante, permanente, em busca de uma visão universal das coisas, dos homens e da história. Ao lado da sua querida esposa Flora, cruzou o mundo e sobre tais experiências escreveu belas e interessantes obras, já que podia enfocá-las e enriquecê-las pela ótica da Geopolítica, da Geografia Humana e da Geografia Física, disciplinas em que era professor emérito.

Como membro desta casa, fez parte da diretoria em várias oportunidades e era reconhecido por sua boa vontade e simplicidade. Como político atuante, membro da Constituinte de 1947, tinha idéias próprias, sendo vigoroso na defesa delas. Escreveu o livro *Os Constituintes de 1947*, importante fonte de pesquisa sobre aquele momento histórico, prefaciado pelo ex-deputado Osmar Diógenes.

Cuidava zelosamente das suas convicções religiosas, oriundas, em parte, da educação inicial, no velho seminário Menor de Sobral. Produziu livros bem fundamentados sobre tais temas ligados à fé católica, o que o transformou em um líder intransigente da moral, dos bons costumes e da ética. Possuía notável biblioteca, a qual ainda não sabemos o seu destino, mas esperamos que vá repousar em mãos de instituição séria, que possa preservá-la.

Porém, o mais importante é que deixou sementes. Uma bela família que procura trilhar os caminhos por ele traçados, e cultua a sua memória, sendo a presença dela aqui, a prova disto.

Quero assumir, perante todos os presentes, o compromisso de honrar o nome do meu antecessor Raimundo Aristides Ribeiro. De procurar dar continuidade a sua história de ética, de boa-fé, de intelectualidade, e bem como de amor ao nosso Instituto Histórico.

Queridos amigos que prestigiam essa solenidade, entre tantos outros, o Colégio de Governadores do Rotary, o Colégio de Grão-mestres da Maçonaria, os membros da Associação dos Bibliófilos, os membros da Academia Maçônica, Instituições às quais pertenço, e as demais entidades e autoridades aqui presentes, às quais gostaria de saudar individualmente. Sendo-me impossível, peço que aceitem um plural de gratidão, como fez certa vez Olavo Bilac, ao dizer que colocava, simbolicamente, os corações de todos ali presentes em seu coração, para que batessem juntos, como um só grande coração.

Particularmente, gostaria de agradecer a presença dos meus familiares, os quais saúdo a todos na figura da minha esposa Maria Bernadete de Oliveira Bezerra, flor preciosa que tive a felicidade de recolher no começo da minha caminhada, e que me acompanha, ainda hoje, ornando a minha existência, após

trinta e oito anos de casamento. A você, minha querida, dedico a alegria desta noite.

Estou consciente do trabalho do Instituto do Ceará, o qual é a mais antiga instituição cultural do estado, tendo sido fundado em março de 1887. Está, portanto, com 118 anos e é reconhecida como de utilidade pública por leis municipais, estaduais e federais.

De um modo especial, é oportuno registrar que esta bela sede própria abriga um dos maiores acervos bibliográficos da nossa terra, estando registrado entre os mais valiosos do nosso país. Tal acervo, franqueado a estudiosos e pesquisadores, inclui sua famosa revista, a qual já está no centésimo décimo oitavo número, cuidadosamente preservados em inúmeras bibliotecas, dentre elas, a *Library of Congress* e a Biblioteca do Vaticano.

Seria dispensável dizer que esta entidade tem procurado reunir no seu quadro de 40 sócios efetivos, os melhores nomes da nossa cultura, através de décadas e décadas.

Minha idéia visa convergências, pois acredito que a maior força da nossa atividade estará sempre na nossa união, e que todos deveremos trabalhar no sentido de evitarmos divisões, que ao longo do tempo, só trarão prejuízos ao Instituto. As inteligências que aqui laboram são imprescindíveis e mesmo uma só que esteja ausente, fará falta a este ninho murmuroso de história, de geografia e de antropologia.

Minha experiência na área de bibliotecas poderá ser útil e, na medida do possível, acreditamos que poderemos colaborar para preservar esses papéis que representam importante parte da nossa memória. Minha experiência, momentaneamente mais dirigida para a história universal, não esquece o estudo e a valorização da história regional, pois sabemos que esses dois aspectos – o Universal e o Regional - estão intimamente entrelaçados, mormente neste mundo globalizado, contemporâneo.

Creio que poderemos ajudar na criação de um memorial dos sócios do Instituto.

É importante que os sócios, principalmente os antepassados, cujas informações vão ficando mais distantes, sejam melhor res-

guardados da ação do tempo, a qual, vagarosamente, apaga as pegadas das trilhas por onde viemos caminhando.

Espero que Deus nos ajude para que possamos deixar bons resultados na passagem por esta entidade, porquanto temos o hábito de aceitar missões para causas que admiramos e para situações em que podemos sonhar e realizar.

Ao final dessas reflexões, lembro-me de uma velha lenda árabe, que fala sobre o dia das núpcias de um determinado casal. A noiva, radiante e feliz, disse ao consorte que lhe pedisse qualquer coisa, humanamente possível, e ela prometia por Alá, que iria realizá-la.

O noivo, serenamente, disse-lhe que a única coisa que poderia pedir-lhe era que se mantivesse sempre com aquela alegria e com aquele bom humor do dia do casamento. Ela respondeu que poderia pedir algo mais difícil, pois aquilo não seria problema, pelo contrário seria muito fácil. E ele disse que isto, só isto, lhe bastaria para ser um homem realizado ao lado dela, para sempre. A noiva então lhe prometeu que cumpriria o que ele estava pedindo, e continuaram as festividades.

Realmente, ela cumpriu o prometido até o fim da vida. Mas um dia, já velha e no final da existência, confidenciou ao marido que o maior desafio do seu casamento, fora realizar aquela promessa, pois existiram os momentos de dificuldades, de angústias, de doenças e de transtornos tais, que lhe exigiram esforço sobrehumano, para manter o bom humor e a felicidade do primeiro dia.

Assim, cremos que neste momento de comemoração, em que começamos, junto ao Instituto e com o Instituto, uma história, que durará toda a vida, o maior presente que poderia aqui deixar, seria a promessa de que tentarei, pelos anos afora, manter em meu coração, a alegria e o carinho do primeiro dia – deste instante de festa – para com o nosso querido Instituto do Ceará.

José Augusto Bezerra
Fortaleza, 05/08/2005